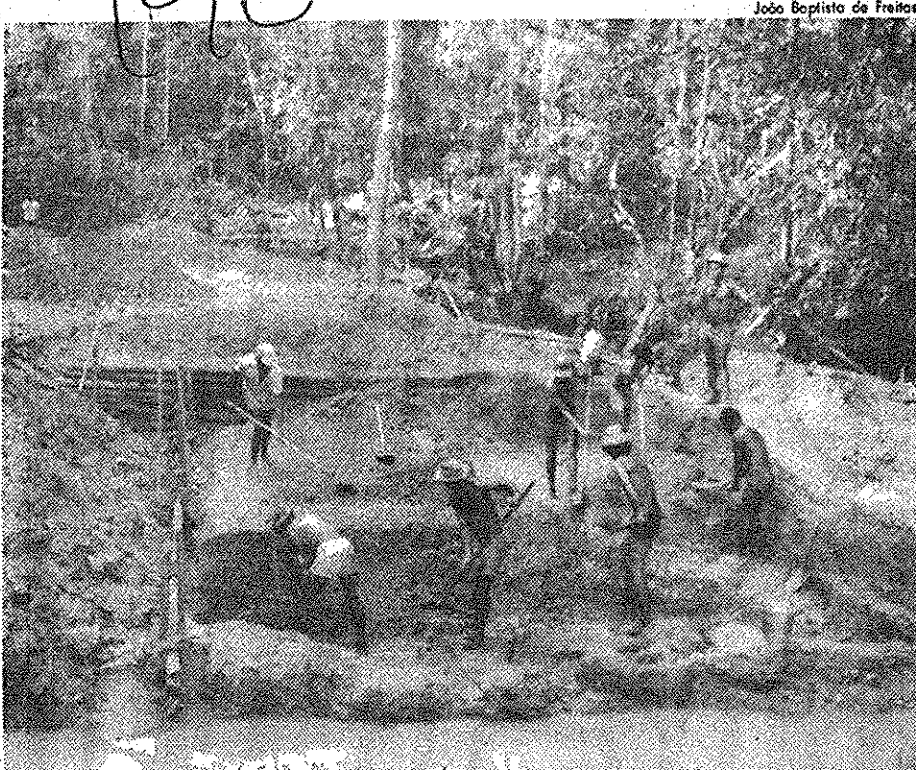


Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasil Class.: 182
Data: 02/11/80 Pg.: _____

Nova corrida do ouro leva milhares de pessoas a Roraima



João Baptista de Freitas

Boa Vista, Roraima — "Essa é a corrida mais louca que já vi em meus 20 anos de garimpo. Parece que todos perderam o juízo", diz João Pereira do Carmo, 56 anos, mulato francês, ex-sargento com participação em movimentos políticos do fim dos anos 50 e que agora, do alto do barranco de um rio habitado por piranhas, jacarés, poraquês (peixes-elétricos) e cobras, assiste à chegada de centenas de pessoas ao garimpo Santa Rosa, todas movidas pela obsessão de encontrar ouro.

A maior parte dos que estão ocupando o garimpo, uma área de 50 mil hectares espremida entre uma estação ecológica e uma reserva indígena, atinge o lugar usando canoas a remo ou pequenos barcos a motor, depois de vencer quilômetros de corredeiras traiçoeiras. Outros, varam a floresta ribeirinha em caminhadas de oito a 10 dias e irrompem no principal acampamento do Santa Rosa vestindo apenas cuecas em farrapos, mais parecendo desesperados fugitivos.

Meio do caminho

Há também os que desistiram no meio do caminho e os que, desencantados, iniciaram a volta, sem ouro e amargando os efeitos da malária. Ao longo dos rios, centenas de barracas improvisadas e redes armadas ao relento acrescentam um toque novo à paisagem, até então dominada pela presença de aves, tartarugas, antas e outros animais.

Nos riachos e grotas, crateras surgem a todo instante, como se o lugar estivesse sofrendo os efeitos de bombardeio de canhões. Ninguém sabe, ao certo, quantos são no garimpo, quantos estão a caminho da região e quantos já partiram de outras áreas do país rumo a Roraima, para integrar a legião dos que sonham em ficar ricos de uma hora para outra. Para qualquer um dos casos, se o objetivo é calcular quantidade de pessoas, a expressão mais válida é simplesmente milhares.

A caça na região é farta, adieta normal dos que para que ela estão indo é rala. No chão das praias e dos acampamentos, sob pedras, barracas, penas de araras, mutuns, jacus, cutubins, caracás de grandes pelxes e outros animais atestam a que o rígido cardápio à base de farinha e carne-seca vem sendo quebrado a cada instante. Por enquanto, e talvez por mais algum tempo, no Santa Rosa, todos os dias têm sido do caçador, embora os bichos às vezes peguem suas peças.

Angelo Batentoni, 54 anos, gaúcho, antigo administrador de terras de João Goulart na cidade de Mercedes (Argentina) e no momento aventurando a sorte do garimpo de Santa Rosa, ainda está excitado com a experiência vivida há dias. Depois de um exaustivo trabalho de garimpagem, foi a caça, avistou um porco selvagem (queixada) disparou a arma e imediatamente se viu cercado por 200 enfurecidos animais da mesma espécie. Para se salvar, subiu em uma árvore e só desceu quatro horas depois, quando os bichos desapareceram do lugar.

Novo cenário

No Santa Rosa e em toda a área sob sua influência, de 30 dias para cá, os acontecimentos estranhos ao ambiente são muitos. Vão do trágico ao pitoresco, formam um cenário em que, além dos elementos naturais da região, os personagens principais são cearenses, maranhenses, baianos, paulistas, cariocas, gaúchos, paranaenses, enfim brasileiros de todos os pontos do Brasil, sem contar os estrangeiros.

Magro, alto, Heart Vicent Vaughn, negro, 63 anos, guianense de nascimento e "cidadão do mundo", velho conhecido dos garimpeiros das regiões de fronteira da Amazônia, feroz apunado pelos longos anos de vivência, sentiu o cheiro do ouro e já se instalou às margens do rio

Uraricaa, em um acampamento enfeitado de redes e cercado por sacos de farinha por todos os lados. Fala misturando inglês, espanhol e português.

— É um velho incapaz de uma maldade, todos gostam dele — diz um garimpeiro antigo. Segundo corre, Vaughn não faz questão de reunir fortuna. Tem é prazer de ver e tocar no ouro. Quase sempre permanece ciscando nas proximidades dos acampamentos, fazendo comida, buscando lenha, apanhando água, para receber em troca alguma foice de ouro.

"Good Man"

Vaughn zança pelas barracas, repetindo a frase que o tornou popular no mundo do garimpo: "good man, good man." Perto dele está Angelo Ricciardi, 28 anos, gaúcho de Porto Alegre, técnico em pecuária e provisoriamente garimpeiro do Santa Rosa.

A dois quilômetros do acampamento de Vaughn, o fim da tarde reúne, na área central do Santa Rosa, garimpeiros que se vão banhar no Uraricaa. O válvem de canoas e barcos não cessa. O rumor das vozes, dos gritos de anúncio do desembarque de novos grupos se misturam à algazarra das araras e papagaios que sobrevoam o lugar, de passagem para os pontos de dormida.

Quarenta e dois anos, pernambucano, Antônio Perciliano de Amorim fechou sua oficina mecânica em Boa Vista, se embrenhou na floresta, caminhou sozinho durante oito dias, o último dos quais levando nos ombros um porco selvagem que matou a tiros na virada de uma grota.

— Eu vim me guiando — explica — pelo rumo do Sol nascente. Trouxe comigo apenas farinha e carne de sol. Deparei com o porco e como não sabia por quanto tempo ainda iria caminhar, resolvi transportá-lo para uma emergência. Se não chegasse ao garimpo hoje, iria comê-lo à noite.

"Tem mesmo?"

Antes do anoitecer, já com os bacuraus (aves noturnas) iniciando suas cantorias, aportam no principal acampamento do garimpo duas canoas compridas e gastas, trazendo 20 homens. Eles remaram seis dias, subindo as corredeiras dos rios Uraricoera e Uraricaa, até alcançar o Santa Rosa. A indagação que fazer é uma só: "Como é, tem ouro mesmo?" Uma pergunta que, por enquanto, não tem resposta definitiva. Alguns afirmam que sim, outros garantem que não. Tudo não passaria de um enorme blefe. João Pereira do Carmo, o ex-integrante da Casa dos Sargentos do Brasil que participou do movimento de criação do Petrópolis, não economiza seu otimismo, embora entenda que "só garimpeiro manso (experiente) vai conseguir extrair ouro na região".

— É uma área grande, tem ouro em tudo quanto é grotas e riachos, cabe muita gente. Além do mais, o leito do Uraricaa também é rico. Não dá para fazer fortuna, mas quebra o galho, rende mais que salário mínimo ou vencimentos baixos.

O ex-advogado cita o exemplo de um integrante de seu grupo, um rapaz que ganhava Cr\$ 7 mil por mês em Boa Vista e que, em 40 dias de garimpo no Santa Rosa, conseguiu o equivalente a Cr\$ 50 mil. Sebastião Rodrigues Santos, o Goiano, 12 anos de garimpo, dono de uma pepita de ouro de 818 gramas de exposição em Brasília e homem que recentemente esteve em Serra Pelada, concorda com o velho João. Para Goiano, só 20% das pessoas no Santa Rosa são realmente garimpeiros.

— Este, à base de muito trabalho, obteve ouro, mesmo em pequena quantidade. No leito do Uraricaa só 5% terão condições de trabalhar, já que será necessário uso de máquinas de sucção.

Ritmo de trabalho é alucinante

No Santa Rosa, todos se deitam cedo. Lá não existe comércio nem casa de mulheres, e os lampiões são poucos. Por volta das 19h, as redes estão ocupadas e quase não se ouvem vozes. A concentração é geral em torno do programa Mensageiro do Ar, transmitido pela Rádio Nacional de Boa Vista, Capital de Roraima. E através do programa que todos enviam ou recebem recados de amigos, sócios ou pessoas da família. O locutor anuncia: "Atenção, Severino Costa, do garimpo Santa Rosa. Sua mãe avisa que sua mulher deu à luz a duas crianças. Uma morreu, mas a outra passa bem. Aguarde novas notícias." Outro recado é destinado a Francisco Sousa, à quem seu irmão avisa já ter saído rumo a Roraima, para seguir até o Santa Rosa. O programa prossegue: "Antônio Virgílio, do garimpo da Serra Azul, aqui fala Joventino, seu primo. Se acaso estiver me ouvindo, venha para o Santa Rosa que aqui parece ter futuro."

Às 5h, a andança de garimpeiros no lugar é intensa. Agora é a vez dos programas de música sertaneja. Os araquás, pássaros madrugadores e barulhentos, emitem sons que parecem repetir seus nomes. Quando o dia clareia, os bandos de araras, papagaios, tucanos passam a se manifestar. Muitos homens estão de cócoras, preparando o café, bebido com punhados de farinha. Nas quadras, as pás, enxadas e picaretas são postas em ação. As batidas giram, lavando o cascalho num trabalho paciente que no fim renderá alguns minúsculos grãos de ouro. Poucos encontraram até o momento grandes pepitas. Raros foram os que ficaram ricos. Apesar de tudo, o ritmo de trabalho é alucinante.

"Dor de garimpeiro"

Os menos experientes, chamados curaus, têm as mãos salpicadas de feridas. A dor de garimpeiro, que ataca os músculos do pescoço e dos ombros, deixa prostrados os novatos. Às 9h, o calor é intenso. As águas dos riachos, antes límpidas, estão barrentas, correm fora do curso natural, desviadas pelas escavações. Na hora da sede, ela é bebida sem hesitação. Sob uma barraca coberta de folhas de bananeira silvestre, um rapaz treme de frio, bate queixo, apesar da temperatura de mais de 30 graus. É a malária se espalhando pela região. O rapaz quer ir embora, não suporta mais as dores musculares e aguarda apenas vaga num barco.

Na mesma área, à beira de um enorme buraco, dona Idelzete Sousa, maranhense, idade desconhecida ("acho que tenho mais de 40", diz ela, incerta), acompanha o trabalho de 12 homens da turma de seu marido, conhecido por Cachimbinho. Ela é a única mulher no Garimpo Santa Rosa, a única presença feminina em uma região infestada de homens de todas as origens.

— Não tenho medo. Com mulher seria ninguém se mete. Homem não faz graça, pois leva fora.

Ao seu lado, Garotinho, um mutum (ave silvestre), bicho de estimação que a acompanha por toda a parte, emite sons baixos, pedindo carinho. Há 20 dias dona Idelzete comanda a turma de Cachimbinho, o companheiro cearense que conheceu em um garimpo da Venezuela e com o qual vive há 16 anos. A vida sempre foi dura para os dois, mas agora a mulher está feliz, vai realizar dois sonhos antigos, graças ao quilo e meio de ouro recolhido em Santa Rosa.

— Cachimbinho foi para Boa Vista comprar uma casa para nós e tratar dos papéis para o nosso casamento. Casa e casamento era tudo o que eu queria. Estou satisfeita da vida.

Mas a mulher tem medo de sentir saudade do garimpo e a incerteza de seu filho, de 15 anos, se adaptar à cidade. O rapaz é como índio: conhece os segredos da floresta, sabe a morada de qualquer bicho, encontra fruta e peixe quando quer, gosta de conviver com animais. No barraco, além de Garotinho, o mutum, vivem ainda Zico, a arara amarela e azul, e Sapinho, um vira-lata dorminhoco. Dona Idelzete levará todos para a casa na cidade.

Abrir a pista

Até o momento, no garimpo não existe pista de pouso, nem posto médico e nem comércio. Um cabo, um sargento e três soldados da PM de Boa Vista se encarregam da guarda na região: João Francisco Lima, 58 anos, nascido no Rio Grande do Norte, conhecido por Galego, lidera uma turma encarregada de abrir a pista, sob a orientação dos geólogos Francisco Bonfim Júnior e Francisco Canuto de Araújo.

Galego é um tipo expansivo, popular entre os garimpeiros. Já foi muito rico. Teve dois aviões enquanto garimpou cassiterita em Rondônia. Com a entrega das concessões para a exploração do minério a empresas, Galego perdeu tudo. Agora, no garimpo Santa Rosa, tem esperança de conseguir dinheiro, catando ouro.



Garimpeiros garantem que há muito ouro nas grotas e riachos da região

Barco a motor demora três dias de viagem

Atualmente, só se atinge o Santa Rosa de quatro maneiras. Uma, através de vó de monomotor, com duração de uma hora, até a pista de Boa Vista, a cinco minutos de viagem de avião da fronteira com a Venezuela, pertencente à reserva indígena dos xirianas. Da pista, anda-se um quilômetro para alcançar o estreito rio Colimim, um afluente do Uraricaa. Percorrem-se, então, 100 quilômetros em canoas ou barcos de motor de popa, em águas acidentadas, até chegar ao Garimpo Santa Rosa.

Outro recurso é sair de Boa Vista pelo rio Branco, entrar no Uraricoera, depois no Uraricaa e, após 80 quilômetros dominados por corredeiras e bancos de areia, desembarcar no ponto central do garimpo. São três ou quatro dias de viagem, em barco de motor de popa, e sete ou oito, a remo. Pode-se optar por percorrer por terra, 200 quilômetros de Boa Vista até a cachoeira do Tiporém, no rio Uraricoera, e depois prosseguir de barco. Ganha-se um dia. A última alternativa é ir do Tiporém ao Santa Rosa pela floresta, em caminhada que dura oito dias. O cálculo é de que, utilizando os diferentes caminhos, seguem em direção ao garimpo, neste instante, 2 mil 500 pessoas.

Praticamente desativada nos últimos anos, a pista da reserva dos xirianas se encontra em péssimas condições, o que não impede o pouso e a decolagem de diversos aviões, diariamente. Em geral, só os garimpeiros dotados de maiores recursos vão pelo ar, embora de Boas Novas para baixo, no rumo do Santa Rosa, todos sejam obrigados a enfrentar situações pouco distintas. São poucas as embarcações em tráfego no rio Colimim e, em consequência, muitos vão descendo a pé, pelas margens, para não perder tempo. Outros derrubam árvores, preparam canoas e remo, enfrentam as águas perigosas do pequeno rio. Ao pé de um barranco, um grupo de garimpeiros armou um enorme acampamento coberto de plástico. Sem meios de prosseguir viagem, encheram cinco câmaras de ar, improvisaram uma jangada e se dizem prontos a iniciar a aventura.

ÍNDIOS E BRANCOS

Oitocentos metros floresta adentro, Antônio Rodrigues, maranhense, 50 anos, Clecio Alves da Silva, paulista, 45 anos, Francisco Morais de Sousa, maranhense, 20 anos, Francisco Carlos Alencar, cearense, 28 anos, e Antônio Ferreira Júnior, 26 anos, do Rio Grande do Norte, escavam há três dias o tronco de uma samauma (a

maior árvore da floresta amazônica) para fazer uma canoa. Da mesma árvore, um exemplar de 200 anos, foram feitos duas outras embarcações. Um pequeno barco a motor desce o Colimim. Na popa, olhar atento e movimentos ágeis, está Raimundo, jovem índio xiriano, que, por saber palmilhar o rio e conhecer seus segredos, foi convidado por Roland, o Alemão, para ser guia na corrida ao ouro do Santa Rosa. Os dois falam mal o português, mas se entendem bem.

O contato entre índios e brancos é inevitável. Os xirianas não vivem totalmente isolados, embora conservem seus hábitos. Eles se espalham em pequenas comunidades ao longo do Colimim. Em determinado trecho, quatro índios e algumas crianças aparecem à beira do barranco. Os garimpeiros de uma canoa ficam extasiados ante a cena.

Uma das índias tem ao lado um filhote de jacarim, ave que, criada desde filhote, passa a seguir o dono, como um cão. Os garimpeiros fazem comentários a respeito das índias, que vestem roupas surradas. Um índio olha grande no jacarim, quer comprá-lo.

— Elas estão cabrelas, não querem negócio — diz um dos homens — pois há dias levaram o macaco de estimação de uma só a promessa de em troca dar roupas e até agora ninguém recebeu sequer uma blusa.

BANANEIRA BRAVA

Mais adiante, sob um teto de folhas de bananeira brava, descansam vários homens, entre os quais João Rodrigues, 30 anos, português que saiu do Minho diretamente para os garimpos de Roraima. Faz parte do mesmo grupo Hermário Castro Meneses, 33 anos, dono de uma loja de confecções e de um taxi em São Paulo. Ele vê a máquina fotográfica, deduz estar diante de um jornalista e faz um apelo emocionado:

— Por favor, amigo, sou filho único e minha mãe deve estar preocupada, em São Paulo. Nossa casa fica na Coab-Haguiera e o nome da velha é Idelzete Castro Meneses. Diz aí que estou bem, que envio beijos e abraços e que retorno em breve, com ou sem ouro.

Capivaras que comem brotos de capim à beira-rio correm ante a visão dos barcos. Um pequeno jacaré, seguro de estar disfarçado pelos ramos de um arbusto, permanece indiferente, deitado à beira-rio. Vez ou outra, araras, cigarras, cutubins voam espantados das árvores ribeirinhas. Raimundo, o xiriano, diz que seu povo come todo dia carne de paca e porco. Peixe não falta.

Em um mês, podem chegar 10 mil homens

No acampamento central do garimpo Santa Rosa, o assunto dominante no fim da tarde é um só: cada qual narra como reagiu ante a invasão do lugar por um bando de 300 porcos selvagens, que numa correria desenfreada, saltu das matas derrubando tudo que encontrava pela frente. Afônitos, dezenas de garimpeiros largaram batélias, pás e enxadas e saíram em disparada, também. Os que estavam armados de espingarda, dispararam. No fim, não havia mortos nem feridos entre os homens, mas em compensação 15 animais jaziam caídos na lama rica em ouro ou nos buracos escavados no chão.

Naquele dia, houve banquete no garimpo, farinha e carne-seca cederam espaço nos pratos à carne fresca. Na reserva indígena, na região do garimpo e na estação ecológica da Serra, todas as áreas banhadas pelos rios Uraricaa e Uraricoera, a fauna é farta, por enquanto. Com a previsão de que no Santa Rosa, se não houver medida em contrário, estarão trabalhando, nos próximos 30 ou 40 dias, mais de 10 mil homens, e partindo do princípio de que não há fronteiras visíveis entre as três partes, é fácil deduzir que em pouco tempo os animais desaparecerão do lugar.

Dez homens desembarcam no Santa Rosa, trazidos por um barco de motor de popa. Baixinho, um amazonense, comanda o veículo. Está pronto para retornar a Cachoeira do Tiporém, onde recolherá mais garimpeiros. Com ele, descerão os rios Araricaa e Araricoera oito pessoas, duas das quais com malária e uma sofrendo de uma ferida que torna a urina escura e as fezes quase negras. No acampamento ninguém sabe o que é.

— Para descer, mesmo com a ajuda dos santos, a parada também é dura — avisa Baixinho.

BARRACAS E REDES

O Uraricaa e o Uraricoera são rios rasos, cheios de corredeiras, bancos de areia e pedras. Por eles, assim mesmo com dificuldade, só navegam canoas a remo e pequenos barcos. Baixinho viaja com cuidado, transpõe a primeira corredeira. Nas margens do Uraricaa, de trecho em trecho surgem barracas e redes. É incalculável o número de pessoas a caminho do Santa Rosa. Cenas de todo o tipo são vistas: cinco homens, com água até os ombros, tropeçando em pedras pontiagudas, conduzem a canoa sobre as cabeças, para evitar que as águas revoltas das corredeiras molhem os mantimentos. Em uma ilha, alucinado, um senhor grita, faz aceno, pede ajuda:

— Estou desgraçado. Na subida do rio, há 20 dias, minha canoa virou, perdi tudo. Rompi o resto do caminho a pé, até o ouro e agora, ao voltar para Boa Vista, as corredeiras levaram tudo novamente. E o inferno, me levem daqui.

Em uma praia, sob uma barraca com teto de plástico, ho-

mens preparam o almoço. A carne de boi, salgada, ferveilha de bicho.

— Tem nada não, é só escaldar que cal tudo.

Na areia, as espinhas de um jacaré, peixe grande da região, e uma cabeça de porco-do-mato em decomposição. Do meio do rio partem gritos: um barco desgovernado desliza pela corredeira, bate nas pedras, os passageiros pulam, nadam, procuram se agarrar às enormes algas fluviais que ondulam à flor d'água. Mais à frente, o barco de Baixinho para e recolhe João Oliveira, comerciante que deixou o balcão para tentar a sorte no garimpo. Está enrolado em um pano, treme de frio.

— A malária me apanhou — explica — preciso voltar a Boa Vista.

PODE VIR PIRANHA

Numa curva do Uraricoera, logo após o ponto onde nele o Uraricaa desemboca, o barco de Baixinho entra em um trecho perigoso, a popa resvala numa pedra. A proa bate em outra, o rapaz presente o acidente e ordena que todos pulem. Cada qual salta como pode. Um rapaz corta a mão em uma pedra fina. O barco não vira, está salvo; o sangue da mão ferida mancha um ponto da água, alguém dá o grito de alerta:

— Cuidado, pode vir piranha. Todos tentam subir ao barco ao mesmo tempo, o ataque dos peixes não acontece, a viagem prossegue. Todo o percurso é marcado pela repetição de cenas de barracas, barcos rompendo as águas, redes armadas em troncos de árvores ribeirinhas. Do interior da floresta, saem gritos, são homens que seguem a pé, rumo ao garimpo, pedindo orientação.

Em Boa Vista, as ruas, normalmente calmas, estão agitas pela presença de milhares de garimpeiros que continuam chegando de toda a parte. Vendedores ambulantes, antes raros no lugar, oferecem uma mercadoria irrecusável: redes de dormir. Os preços pedidos são altos, como altos estão os preços de tudo indispensável ao garimpo. Dois rapazes expõem camisas de malha, novidade recente, pois trazem a inscrição "Lembrança do garimpo Santa Rosa". No aeroporto, possum monomotores comandados por pilotos que vivem em função dos garimpos. São eles que trazem as informações: "De Serra Pelada, da redenção, do Madela, continua a sair gente em direção a Roraima. É homem para não acabar mais."

As autoridades do território mostram preocupações. Ninguém pode assegurar o que acontecerá em caso de uma frustração coletiva. Muitos garimpeiros reuniram os recursos finais para chegar a Roraima e seguir para Santa Rosa. Se não encontrarem ouro, não terão como voltar mais.

— Deus é grande — diz um homem mais otimista.

— A miséria também — responde outro, temendo o pior.